

A geografia pantaneira na música de Mato Grosso do Sul: paisagens de vida, identidades territoriais

La geografía pantanera en la música del Mato Grosso do Sul: paisajes de vida, identidades territoriales

The Pantanal geography in music of Mato Grosso do Sul: landscapes of life, territorial identities

Márcio Santos Araujo¹

Icléia Albuquerque de Vargas²

Resumo

Canções revelam paisagens, pertencimentos, cotidianos da identidade pantaneira. Neste trabalho objetivou-se analisar as representações de lugar e paisagem pantaneira na música regional sul-mato-grossense. Com base nos referenciais da perspectiva humanista e abordagem cultural na geografia, em especial Y-Fu TUAN, foram levantadas e analisadas as categorias de lugar e paisagem em canções do Grupo ACABA, importante representante da cultura musical pantaneira. A partir das relações simbólicas expressas nas canções, vislumbram-se lugares e paisagens do Pantanal. Foram identificados significados atribuídos aos espaços representados nas canções, confirmando o exposto na geografia humanista, que define o lugar como centro de valor simbólico para seus habitantes.

Palavras chave: Música Regional; Lugar; Paisagem.

Resumen

Canciones revelan paisajes, pertenencia, cotidianos de la identidad pantanera. En este trabajo, el objetivo fue analizar las representaciones del lugar y paisajes pantaneros en la música regional del Mato Grosso do Sul. Basado en los referenciales de la perspectiva humanista y abordaje cultural en la geografía, en especial Y-Fu TUAN, se plantearon y analizaron las categorías del lugar y paisaje en canciones del grupo ACABA, importante representante de la cultura musical pantanera. En las relaciones simbólicas expresadas en las canciones, se vislumbran lugares y pasajes del Pantanal. Se han identificado significados asignados a los espacios representados en las canciones, confirmando el expuesto en la geografía humanista, que define el lugar como centro del valor simbólico para sus habitantes.

Palabras clave: Música Regional; Lugar; Paisaje.

¹(Bacharel em Geografia, bolsista de Iniciação Científica CNPq – PIBIC 2014/15; Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil: e-mail: marciogeoms@gmail.com. Trabalho apresentado no I Seminário Latino-Americano de Estudos em Cultura – SEMLACult, Foz do Iguaçu/PR, Brasil, 2017.)

²(Doutora em Meio Ambiente e Desenvolvimento, Professora da FAENG/UFMS; Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil: e-mail: icleiavargas@yahoo.com.br. Trabalho apresentado no I Seminário Latino-Americano de Estudos em Cultura – SEMLACult, Foz do Iguaçu/PR, Brasil, 2017.)

Abstract

Songs can reveal us the landscapes, belongings and routines of Pantanal's identity. This research has the objective to analyze the representation of Pantanal's place and landscape on Mato Grosso do Sul cultural music. Based on references of human perspective and cultural approach in geography, especially on Y-Fu TUAN, we collected and analyzed categories of place and landscape on songs of Grupo ACABA, an important representant for Pantanal's musical culture. Starting with the symbolics relationships expressed within the songs, It's possible to realize the places and landscapes of Pantanal. Meanings given to spaces has been identified within the songs, evidencing what the humanistic geography asserts, that the place is the center of a symbolic value to its inhabitants.

Key words: Regional songs; Place; Landscape.

1. Introdução

O Brasil é um país culturalmente rico e diverso. Sua música variada é conhecida e respeitada em várias partes do mundo, fato que se deve sobretudo à criatividade de seus artistas que, em vários casos, não impõem barreiras para realizar experimentos e fusões musicais com ritmos e referências diversas. O estado de Mato Grosso do Sul detém um território fronteiriço, integralmente inserido na Bacia Platina, encravado no interior do continente sul-americano, cuja configuração tem sido marcada por uma situação de pluralidade de variáveis que convergem para sua formação, resultando em uma cultura forte e diversa.

Le Bourlegat (2011) considera Mato Grosso do Sul um importante laboratório de reflexão a respeito de efeitos de confluência e combinação de variedades naturais e socioculturais que concorrem na formação do continente latino-americano, especialmente na Bacia do Rio da Prata.

O Pantanal é a maior planície de inundação contínua do planeta, com uma área de mais de 138 mil quilômetros quadrados no Brasil, dividido em 11 sub-regiões: Cáceres, Poconé, Barão de Melgaço, Paiaguás, Paraguai, Nhecolândia, Abobral, Aquidauana, Miranda, Nabileque e Porto Murtinho (SILVA & ABDON, 1998). Situa-se entre os Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, estendendo-se para a Bolívia e o Paraguai. Por reunir expressiva biodiversidade e possuir uma cultura singular, a cultura pantaneira, o Pantanal foi reconhecido como um bem de “valor universal e de interesse excepcional”, constituindo-se em Sítio do Patrimônio Mundial Natural pela UNESCO (VARGAS, 2006).

A utilização de músicas em análises geográficas é um movimento recente que ganha força a partir da década de 1970 com a emergência da chamada Geografia Cultural. Cabe destacar a contribuição da coleção brasileira – Geografia Cultural – organizada pelos geógrafos Zeny Rosendahl e Roberto Lobato Corrêa, que em número editado em 1997, já apresentava um artigo que tratava da utilização e análise da música na ciência geográfica.

A música, enquanto uma forma particular de linguagem, assim como as demais artes, possui a capacidade de expressar visões diversas de mundo e, como produção cultural pode ser vista e compreendida a partir da ótica da espacialidade. (CORREA; ROSENDAHL, 2009). Fazendo parte de praticamente todas as sociedades conhecidas, a música está presente nos aparelhos estéreos em nossa casa, nos edifícios comerciais, nas salas de espera, nos filmes na televisão (KONG, 2009). Ela desperta, mesmo que sutilmente, desejos e emoções acompanhando grande parte de nossas práticas cotidianas. Como forma de linguagem, a música é capaz de veicular uma série de imagens sobre os espaços diversos, representados na letra, melodia ou ritmo que a compõe, funcionando como um signo cultural (HALL, 1997, apud BRUM, 2015, p. 61). Por tais razões a música pode ser uma fonte para se compreender o caráter e a identidade dos lugares (KONG, 2009).

A geografia humanista trata de alguns temas que vêm ao encontro da cena musical sul-mato-grossense. O foco da pesquisa que ora resulta neste artigo, se voltou para a abordagem da subjetividade das relações do ser humano no mundo, tendo as manifestações artísticas como expressões da população e formas de intervenção no mundo vivido.

O objetivo do trabalho foi analisar as manifestações/representações do lugar e da paisagem pantaneira na música regional de Mato Grosso do Sul, tendo como principal objeto de análise a produção musical do Grupo Acaba. Para a análise foram utilizados os referenciais da perspectiva humanista em Geografia, em especial os trabalhos dos teóricos Yi-Fu Tuan, Werther Holzer, Eduardo Marandola Jr., Lily Kong e George Carney.

2. Revisão de literatura

Desde a sistematização da Geografia como ciência e disciplina acadêmica no século XIX, vários conceitos-chaves surgiram, tiveram destaque e foram criticados/ofuscados por um novo conceito. Os motivos dessa ascensão e queda conceitual são explicados pelos contextos

históricos das correntes do pensamento geográfico dominantes, pela ampla produção científico-acadêmica e pelas conseqüentes críticas recebidas e diálogos produzidos.

Como principais conceitos desenvolvidos pela ciência geográfica, destacam-se: *paisagem, região, espaço, território e lugar*. Neste trabalho é proposta uma análise dos conceitos de *paisagem e lugar*, amparados na perspectiva humanista.

A história do pensamento geográfico revelou na década de 1970, uma nova escola na ciência geográfica: a Geografia Humanista (também chamada de Geografia Humanística ou Geografia Fenomenológica). Esta corrente foi fortemente influenciada pelo humanismo e fenomenologia.

Marandola Jr. (2005, p. 10) destaca que mesmo a geografia humanista sendo influenciada pela “[...] corrente Humanista juntamente com a Geografia Cultural, ambas marcadamentefenomenológicas, estas mantêm relações com outras abordagens, como a teoria crítica, por exemplo”. O autor destaca ainda que o sentido do Humanismo em Geografia é o de “[...] complexificar ao máximo a aproximação com a realidade e a experiência humana, semreducionismos ou negação total de valores ou orientações teórico-metodológicas, buscando ohomem e a sua liberdade” (idem, p. 15).

Com relação às influências fenomenológicas nessa nova escola geográfica, pode-se afirmar que a Geografia Humanista,

[...] está assentada na subjetividade, na intuição, nos sentimentos, na experiência, no simbolismo e na contingência, privilegiando o singular e não o particular ou o universal e, ao invés da explicação, tem na compreensão a base de inteligibilidade do mundo real. (CORRÊA, 2000, p. 30).

Na Geografia Humanista a paisagem readquire seu valor conceitual, o espaço é tido para muitos autores como espaço vivido e o lugar é o conceito-chave dessa nova escola. Antes de iniciar a análise dos três principais conceitos da Geografia Humanista, vale destacar que nessa escola

[...] a paisagem, a região e os lugares, a despeito de suas características físicas, apreendidas imediatamente, são, de fato, estruturados por uma rede simbólica complexa. Esta rede é composta de valores, de representações, de imagens espaciais vividas e, para ser percebida, demanda um trabalho de interpretação aprofundado. A chave fundamental desta interpretação é o comportamento e a linguagem que, juntos estruturam o código de expressão deste universo simbólico. A análise deste código

não pode ter pretensões universais, válidas para todos os casos, pois cada unidade manifesta, de uma maneira diferente, estas forças simbólicas, que são a fonte primária da análise (GOMES, 1996, p. 322).

Para analisar a *paisagem* recorre-se, primeiramente, à visão de Eric Dardel sobre o conceito expressa em sua obra *O Homem e a Terra* (1952), realizando uma abordagem da paisagem que foge das antigas descrições físicas da superfície terrestre. Para Dardel, mais que uma mera descrição e ajuntamento de elementos,

[...] a paisagem é um conjunto, uma convergência, um momento vivido, uma ligação interna, uma “impressão”, que une todos os elementos. [...] A paisagem se unifica em torno de uma tonalidade afetiva dominante, perfeitamente válida ainda que refratária a toda redução puramente científica. Ela coloca em questão a totalidade do ser humano, suas ligações existenciais com a Terra, ou, se preferirmos, sua geograficidade original: a Terra como lugar, base e meio de sua realização. Presença atraente ou estranha, e, no entanto, lúcida. Limpidez de uma relação que afeta a carne o sangue (DARDEL, 2011, apud MOURA, 2014, p. 25).

A chamada Geografia Humanista promove a retomada do conceito de paisagem. Geógrafos humanistas analisaram a paisagem de maneira mais peculiar como, por exemplo, Relph (1987, apud MOURA, 2014), que define a paisagem a partir do “contexto visual da experiênciacotidiana”. Ou, ainda, Tuan (1979, apud MOURA, 2014) que trata a paisagem como uma “umaimagem integrada, construída pela mente e pelos sentidos”. Também o geógrafo brasileiro Milton Santos, mesmo não se inserindo como um geógrafo humanista, mas reconhecidamente um profissional da Geografia Crítica, propõe um conceito de paisagem que revela elementos fenomenológicos: “[...] tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta poder ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas devolumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons e etc.” (SANTOS, 1988, apud MOURA, 2014, p. 26).

O conceito de espaço é tratado pela maioria dos geógrafos humanistas como *Espaço Vivido*. A análise do espaço vivido é fortemente influenciada pela fenomenologia, e Relph (apud HOLZER, 2012, p. 296) define o espaço vivido como uma “estrutura oculta do espaço como aparece para nós em nossas experiências concretas do mundo como membros de um grupo cultural”.

Para Holzer (apud Corrêa, 2000, p. 32), o espaço vivido é “uma experiência contínua egocêntrica e social, um espaço de movimento e um espaço-tempo vivido que se refere ao

afetivo, ao mágico, ao imaginário”. Para os geógrafos humanistas, o espaço vivido é apreendido pela percepção (individual e coletiva), pelas experiências, pelo imaginário e permeado de simbolismos e afetividades manifestadas:

[...] tanto no que diz respeito ao gostar dos lugares como à movimentação espacial. Lugares e áreas longínquas tornam-se próximos em função da afetividade por eles, como se exemplifica com os lugares sagrados, objetivamente distantes. Nas sociedades primitivas o espaço vivido é afetivamente valorizado em razão de crenças que conferem especificidades a cada parte do espaço. (CORRÊA, 2000, p.33).

Para Moura (2014) o conceito de *lugar* na Geografia, por muito tempo, foi associado ao conceito de *região*. A partir da década de 1970, com a influência fenomenológica e humanista, o *lugar* na Geografia Humanista passa a ser eleito como conceito-chave, ou seja, foi alvo (e ainda o é) de vários estudos, análises e teorias. *Lugar* deixa de se apresentar de forma genérica, como *região*, e ganha especificidade, proximidade com a realidade subjetiva de indivíduos e grupos que compõem o *lugar*.

Moura (2014) afirma que a abordagem humanista estuda o *lugar* a partir do aporte teórico adquirido da experiência fenomenológica e desenvolve profunda análise do conceito. Autores como Y-Fu Tuan, Edward Relph, Anne Buttimer, adotaram como subsídios para análise do *lugar*, elementos como: afetividade, corporeidade, experiência, percepção e outros elementos que em grande maioria são frutos da fenomenologia. Esses geógrafos humanistas são considerados pioneiros, tendo estudado intensamente o *lugar*, elevando-o a um conceito-chave construído a partir das experiências captadas pelos sentidos de indivíduos ou grupos.

Tuan e Relph, tocados pela fenomenologia, influenciam fortemente os geógrafos humanistas, como, dentre outros, o brasileiro Werther Holzer, que destaca:

Tuan afirma que todos os lugares são pequenos mundos, articulados pelas redes intangíveis das relações humanas. Já em 1975 Tuan afirma que o lugar é um centro de significados geográficos, que se relaciona com o constructo abstrato que denominamos “espaço”. O lugar, afirma o autor, é constituído a partir da experiência que temos do mundo (HOLZER, 2012, apud MOURA 2014, p. 28).

Esse conceito de *lugar* já revela que a abordagem humanista da geografia utiliza como elementos da análise o simbolismo e a experiência. Corrêa (2000) afirma que, para Tuan, o lugar também possui “um espírito, uma personalidade, havendo um sentido de lugar que se

manifesta pela apreciação visual ou estética e pelos sentidos a partir de uma longa vivência” (CORRÊA, 2000, p. 31). Isso revela que a corporeidade e a vivência também são importantes elementos que compõem o *lugar*.

É importante destacar que a Geografia Humanista, de certa forma, promoveu a aproximação entre a geografia e a arte. Gomes (1996) descreve de maneira muito clara sobre a importância do papel da arte na escola humanista do pensamento geográfico, e propõe para que se chegue a uma interpretação coerente das culturas, que o geógrafo

[...] deve ser capaz de reunir o maior número de elementos possíveis que tratam dos valores, das significações e das associações construídas por um grupo social. A arte é, em geral, considerada como o meio mais livre e mais espontâneo deste tipo de manifestação. Aquilo que a ciência não chega a reconhecer, devido aos limites impostos pelo método, a arte o consegue por um meio não-racional. Assim, da mesma maneira que os românticos, que consideravam a poesia e literatura como o berço da expressão dos valores humanos, os humanistas consideram a arte como o elemento de mediação entre a vida e o universo das representações (GOMES, 1996, p. 314).

A arte, então, torna-se alvo de análise acadêmica sendo utilizada como o elo entre a ciência geográfica e o mundo tal como ele é: composto por diferentes lugares, paisagens e espaços vividos. Gomes (1996) ainda ressalta que a arte na Geografia Humanista é exaltada por

[...] utilizar um vocabulário inconsciente para fazer transitar sensações reais e vividas sob a aparência de irrealidades. A valorização da arte pelos geógrafos humanistas explica-se exatamente por esta dimensão do conhecimento espontâneo, inconsciente e não-racional (GOMES, 1996, p. 325).

2.1 A expressão musical do Grupo ACABA

O Grupo ACABA³, fundado em 1969, faz uma música regional raiz com muita originalidade em Mato Grosso do Sul. Foi criado com o objetivo de divulgar, pesquisar e

³ ACABA, denominação derivada da sigla da Associação dos Compositores Autônomos do Bairro Amambaí, criada por seus integrantes, em 1969. Integrantes do Grupo ACABA no CD Pantanal Coração da América 1. Chico Lacerda - Publicitário, compositor, percussão e voz. 2. Moacir Saturnino de Lacerda - Engenheiro Civil, professor, compositor, percussão e voz. 3. Vandir Nunes Barreto, Corretor de Imóveis, compositor, violão e voz. 4. Luiz Porfírio Comerciante, compositor, baixo acústico e voz. 5. Alaor Pereira - Pecuarista, compositor, violão e voz. 6. Jairo Lara - Engenheiro Agrônomo, compositor, violão e voz. 7. José

desenvolver o folclore do Estado. As letras - coletivas e individuais - abordam o Pantanal e o homem pantaneiro, a fauna e a flora da região. Os debates inseridos nas composições passeiam pela defesa de cultura e do meio ambiente.

A opção pela produção do Grupo ACABA se deu por retratar a realidade da região pantaneira. Os compositores do grupo revelam sensibilidades aguçadas para perceber, sentir e imaginar os elementos pantaneiros, identificando os simbolismos dos espaços vividos, por eles concebidos (Mato Grosso do Sul e Pantanal). Posteriormente, transformam em arte, por meio de suas canções, cujas letras são permeadas desses mesmos simbolismos.



Figura 1 – Capa de disco “Última Cheia” – (LP, produção independente, 1984)

Charbel Filho - Engenheiro Civil, professor, compositor, percussão e voz. 8. Eduardo Lincoln - Publicitário, bateria, compositor, percussão e voz. 9. Adriano Praça de Almeida, Professor, flauta, sax e voz

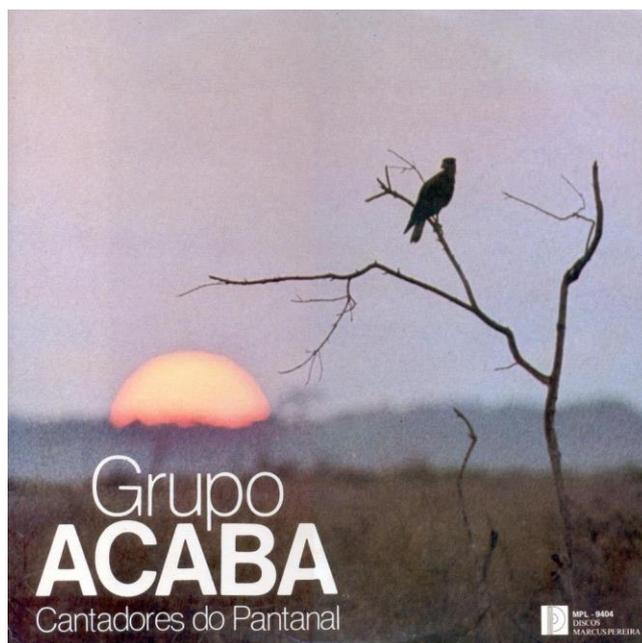


Figura 2 –Capa do disco do Grupo ACABA “Canta-dores do Pantanal” – (LP, Discos Marcus Pereira, 1979)

O conceito de espaço vivido tem grande importância na realização deste trabalho e a produção do Grupo ACABA é tratada como a síntese do encontro entre a arte e a ciência, promovendo leituras geográficas do Pantanal real, composto por lugares, paisagens, culturas, espaços vividos.

O grupo, constituído a partir de 1969, derivou-se de um grupo de amigos, na época estudantes secundaristas, hoje profissionais liberais, muito envolvidos com a música. Mais tarde, por ocasião da criação do Estado de Mato Grosso do Sul, implantado em 1979, o Grupo ACABA contribuiu significativamente com o processo de construção da identidade da nova federação brasileira, expressando as belezas, assim como “as dores” dos lugares, em especial, do Pantanal. Por isso se autodenominam: Grupo ACABA, Canta-Dores do Pantanal.

Vale ressaltar que vivendo às margens do lendário rio Paraguai, em Porto Esperança, Chico e Dudu – Francisco Saturnino de Lacerda e Moacir Saturnino de Lacerda -, dois dos compositores do ACABA, desde a infância ouviam sua avó cantando: “*Gonçalo foi... foi ... nunca mais voltou*”.

Eles vivenciaram o cheiro do lodo, o canto do urutu no pé da serra em noite de lua cheia, o ronco do jaú. Sentiram de perto o perfume do tarumã, o cheiro do camalote e provaram do ensopado de piranhas e cabeças de surubins (GUIZZO 2012).



Figura 3 - Registro de uma das primeiras apresentações do Grupo Acaba, em 1979, Praça Ary Coelho, Campo Grande (MS). Foto de autor não identificado.

A Figura 3 (disponível na página do Facebook do Grupo ACABA) revela um momento histórico desse grupo musical, em apresentação em praça pública de Campo Grande (MS) no ano de 1979. Segundo informações expressas nessa fonte, participaram desta apresentação: Luiz Porfírio, José Charbel, Jairo Lara, Moacir Lacerda, Chico Lacerda e Vandir Barreto. Portanto, os mesmos integrantes do Grupo que se encontra na ativa até a atualidade.

Considera-se importante destacar que o Grupo ACABA, além de produzir canções com forte conteúdo revelador dos lugares e paisagens pantaneiras, contribuindo para a construção da identidade sul-mato-grossense, sempre primou por manter um padrão de qualidade de suas produções e na forma de apresentação. Ou seja, durante mais de quatro décadas, além de manter praticamente os mesmos integrantes, o grupo prima pela manutenção da caracterização sonora e visual, explorando instrumentos musicais típicos da cultura local, apresentando-se sempre com vestimentas brancas e colares de origens indígenas, conforme pode ser observado nas Figuras 2 e 3.



Figura 4 – Apresentação do Grupo ACABA no 12º Festival América do Sul Pantanal, em Corumbá (MS), 2015.



Figura 5 – Apresentação do Grupo ACABA no 12º Festival América do Sul Pantanal, em Corumbá (MS), 2015.

O ano de 2016 foi muito especial para o Grupo Acaba que voltou a gravar um disco após 15 anos. É o que o fundador e compositor Moacir de Lacerda anunciou nas redes sociais. O grupo entrou em estúdio para produzir a antologia musical “Pantanal – Nascentes, Rio e

Vertentes”. O álbum é composto por várias canções e seu lançamento aconteceu no dia 21 de setembro de 2016, em Campo Grande, com a participação de vários convidados, todos da cena musical Sul-Mato-Grossense.

Dentre os artistas convidados estão alguns ícones da música sul-mato-grossense. Os compositores Geraldo Espíndola e Carlos Colman interpretaram “Kananciuê” e “Cuitelinho”. A cantora Lígia Mourão gravou “A Matogrossense”, de autoria de seu pai Zacarias Mourão. O violeiro Aurélio Miranda registrou o seu clássico “Estrada de Chão”. O trio Hermanos Irmãos cantaram a inédita “Indomável” e o multi-instrumentista Marcelo Loureiro tocou em três músicas. Também foram convidados os artistas Delinha, Paulo Simões, Tangara & Zé Viola, Zedu, Zito Ferrari, Filhos dos Livres, Miriam Barbosa e Odon Nacasato e Miriam Camacho⁴.

Para este trabalho foram analisadas quatro canções produzidas pelo Grupo ACABA: “Ciranda Pantaneira”, “Pássaro Branco”, “As monções” e “Fernando Vieira”.

3. Resultados e discussão

3.1 Por que analisar a relação entre a música e os conceitos geográficos (paisagem e lugar)?

Conforme apontado na introdução deste artigo, a utilização de músicas em análises geográficas é um movimento recente e crescente desde a década de 1970. Dois excelentes artigos constantes na coleção Geografia Cultural (da EdUERJ), foram cruciais para a realização deste trabalho ao fornecerem pistas metodológicas de grande valia. É o caso dos trabalhos de Lily Kong, intitulado “Música Popular nas Análises Geográficas”, publicado em 2009, e do autor George Carneye seu artigo “Música e Lugar”, publicado em 2007.

Primeiramente, é preciso destacar que através da música é possível se compreender o caráter e a identidade dos mais diversos lugares do mundo, e vale ressaltar que a música também é um meio para as pessoas comunicarem suas experiências ambientais – tanto as cotidianas como aquelas fora do comum. Por exemplo, conforme Kong (2009), muitas experiências ambientais cotidianas aceitas como verdadeiras, discutidas teórica e

⁴ Informações obtidas em: <http://portaldaeeducativa.com.br/site/grupo-acaba-anuncia-antologia-com-50-musicas-e-varios-artistas-convidados/>

empiricamente mediante noções como “sentido de lugar”, “espaço” e “lugar”, podem ser enriquecidas com análises de expressões musicais.

Observa-se que a compreensão do *lugar* e da *paisagem* através da música pode enriquecer a análise geográfica, pois “da mesma forma que é um meio para comunicar incontáveis experiências, a música é o resultado da experiência ambiental. Os músicos compõem canções como uma consequência de suas experiências” (KONG, 2009, p. 133). Além disso, cada *lugar* possui traços que definem sua unicidade em relação a outros (traços físicos, culturais, econômicos, etc.) e a música auxilia essa definição de *lugar*, pois os geógrafos procuram

[...] saber como as pessoas implantaram suas tradições naquele local, por que o fizeram naquele lugar, o que as sustenta agora e como interagem com outros lugares. É claro que é impossível estudar de uma só vez todos esses aspectos; assim, os geógrafos tendem a se especializar em determinadas características dos lugares, como a música (CARNEY, 2007, p. 126).

3.2 Por que analisar as letras das canções?

A análise geográfica de letras de músicas não é um estudo isolado e particular. Kong (2009) informa que

[...] uma série de estudos geográficos sobre música segue a tradição regional em que o caráter e a identidade dos lugares são apreendidos a partir de letras, melodia e da “percepção” geral ou do impacto sensorial da música. [...] Os geógrafos também se envolveram com a análise temática das letras, para investigar preocupações ambientais expressas nas músicas. Jarvis (1985), por exemplo, identificou nas letras das músicas de *rock*, diversos temas que envolviam a imagem da cidade (KONG, 2009, p. 137).

Através da análise geográfica das letras das músicas pode-se perceber e entender como os simbolismos dialogam com alguns conceitos como lugar, paisagem, região, etc. Para além da pura análise textual, “os textos musicais devem ser entendidos como diálogos sociais em andamento, os quais ocorrem em determinadas situações sociais e históricas e refletem esses cenários” (KONG, 2009, p. 141). Há um cuidado em não se analisar as letras pelas letras, pois

[...] a análise das letras certamente é uma forma importante de penetrar nos significados pretendidos pelos produtores. Além disso, as estruturas tonal e estética

das canções populares também devem ser analisadas, pois as palavras são apenas parte do som total. (KONG, 2009, p. 158).

Faremos uma análise, por meio de elementos geográficos, sobre como os conceitos de *lugar* e de *paisagem* estão imersos nas letras do Grupo ACABA, analisando também o espaço vivido e as experiências dos letristas, em especial de Moacir Lacerda, Chico Lacerda, Vandir Barreto, Jairo Lara e José Charbel Filho, compositores das canções selecionadas para este trabalho.

3.3 Análises dos conceitos de paisagem e lugar nas letras das músicas do Grupo ACABA

Nesta etapa do trabalho analisa-se o vínculo existente entre o conceito de *paisagem* e *lugar* (numa abordagem humanista) e as composições produzidas pelo grupo ACABA. Esta análise é subsidiada através de fatos, vivências e experiências pessoais dos letristas, com destaque para Moacir de Lacerda, pois ele é um dos fundadores do grupo e também já produziu alguns dos discos dessa extensa carreira. A análise se deu a partir de materiais bibliográficos, entrevistas e vídeos sobre o grupo de “Canta-dores do Pantanal”. A análise não se prende apenas ao conteúdo das letras, pois o exame de material audiovisual também contribui para o entendimento de simbolismos e identidades do lugar, já que através das

[...] entrevistas com os produtores de música, os compositores letristas [...] podem ser obtidos *insights* sobre questões como as motivações para produção e os contextos em que estas ocorrem, assim como sobre os significados e efeitos pretendidos (KONG, 2009, p. 159).

Através desta análise espera-se realizar um estudo sobre a relação da geografia com a música produzida em Mato Grosso do Sul, especificamente pelo Grupo ACABA.

Foram feitas análises de quatro canções do Grupo, pois elas possuem um forte destaque nas manifestações/representações do lugar e da paisagem pantaneira, todas escritas por Chico Lacerda sempre em parceria com outros integrantes. O primeiro passo foi a transcrição da letra. O segundo passo foi a exposição das experiências vividas por seus compositores, e o último passo foi a relação da letra e vivência dos letristas com os conceitos de *lugar* e *paisagem*, conforme proposição da geografia humanista.

A primeira canção a ser analisada, é *Ciranda Pantaneira*. Composta para o primeiro álbum, de 1979, a própria capa do disco já diz muito sobre o lugar desses autores. Percebe-se o pioneirismo do Grupo em retratar o Pantanal com suas cores e seus valores. Nessa época, a região era vista de forma negativa, como um espaço hostil e desagradável pela maioria dos brasileiros.

Carandá é uma planta/ É planta do Pantanal / Carandá é um coqueiro Coqueiro do Pantanal/ Da folha sai abanico /Abanico pra *Abaná*/ Sai esteira pra *deitá*/ Sai cavalo pra *brincá*./ Quem conhece Carandá/ Quem conhece Camalote/ Quem conhece tarumã/ É do pantanal. (Declamação) /“Ser pantaneiro é sentir o cheiro da fruta/ Nadar em águas barrentas/ Remar em águas correntes/ Ser pantaneiro é a fuga da morte/ É a busca da vida”/Tem cheiro de Camalote / Tem gosto de tarumã/ Pantaneiro,/ Chegou a hora de você cantar/ Pantaneira,/ Chegou a hora de você dançar/ E mostre essa ciranda nascida no pantanal./ “Marrequinha da lagoa/ Tuiuiú do *pantaná* Marrequinha pega um peixe/ Tuiuiú já vem *tomá*”/ Na beira de mil lagoas /Vou remando minha canoa / Eu não faço verso à toa / Sou molhado pela cheia/ Sou queimado pelo sol/ Na beira de mil lagoas./ Tiquira que vem subindo / Peixe grande vem atrás/ Na flor desse Camalote/ Meu Canto não é de morte/ Jenipapo é isca forte/ Pescador do Pantanal./ Pantaneiro,/ Chegou a hora de você cantar.../ Sou burro pantaneiro/ Sou vaca pantaneira/ Sou fruto do pantanal/ Na folha que a água leva/ Leva o bem e leva o mal/ Onde nasce carandá/ Não nasce caraguatá/ Onde tem caraguatá/ Tem Buraco de tatu/ Onde tem caraguatá/ Cavalos não pode *andá*./ Pantaneiro,/ Chegou a hora de você cantar./ Pantaneira,/ Chegou a hora de você dançar/ E mostre essa ciranda / Nascida no Pantanal. (Grupo ACABA,Canta-dores do Pantanal – LP, Discos Marcus Pereira)

A letra de *Ciranda Pantaneira* faz parte de um grupo de letras de músicas compostas por Chico Lacerda e Moacir Lacerda que revelam a intenção destes compositores em falar sobre a fauna e a flora pantaneira, descrevendo assim elementos da paisagem, como os Carandazais⁵ comuns na região. O ritmo da música é uma ciranda. Em entrevista, Moacir Lacerda admitiu ter usado versos antigos de Cururu-Siriri, folclore pantaneiro com mais de 200 anos de história.

⁵ O carandazal é uma formação vegetal monotípica, com predominância da espécie Copernicia alba Morong (Arecaceae), popularmente conhecida como carandá. A área estimada de carandazais para a vegetação pantaneira é de 2,3%, sendo a segunda formação monotípica mais representativa. Esta subunidade de vegetação é constituída por um estrato arbóreo formado quase que exclusivamente pela palmeira carandá e estratos arbustivos e herbáceo variáveis quanto à estrutura e florística. (Disponível em: <http://fundect.ledes.net/project/view/p/1620/comunidades-de-carandazais-copernicia-alba-morong-nos-pantanais-de-miranda-e-nabileque>)

Nesta canção é muito expressiva a valorização do Pantanal enquanto lugar, paisagem e região de vida e reprodução social. Nota-se que no mesmo ano de lançamento do primeiro disco do Grupo ACABA (na época, um LP⁶), 1979, foi implantado o novo Estado de Mato Grosso do Sul, com o desmembramento da porção sul do território do antigo Mato Grosso. Era premente, portanto, a necessidade de construção da identidade da nova unidade da federação. Para tanto, esse Grupo contribuiu fortemente, proporcionando uma marca ambientalista, tendo como principal referência a planície pantaneira que vivia, na época, fortes ameaças de degradação. A mensagem de preservação ambiental é contundente nessa obra, revelando o pioneirismo do grupo em relação às causas ambientais e em defesa do *lugar* e *paisagem* Pantanal.

A segunda canção a ser analisada, é *Pássaro Branco*, também constante no álbum “*Última Cheia*”, de 1984:

Quantas penas brancas/ Que se movimentam / Neste lago de lama / Nesta lama sem pena./ Esta lama tão branca / Enfeitou o meu chão/ Decorou o meu céu/ Pintou minha planta./ Ainda criança aprendi / Caminho dos pântanos/ Embora sem pena / Aprendi a voar (bis)/ Sua asa tão linda/ Abraçou o espaço/ Desenhou meu retrato / Pra ficar nesta terra/ Desvendar o mistério/ Da morte mais branca/ Que perdeu sua cor/ Neste lago de lama/ Neste lago de lama/ Um homem sem fama/ Perdeu a canção. (Última Cheia – LP, produção independente, 1984).

Esta canção é uma verdadeira viagem pela paisagem pantaneira, em especial pelo Pantanal banhado pelas águas do Taquari, importante rio pantaneiro que na atualidade apresenta alto índice de assoreamento⁷, refletindo em grande preocupação dos ambientalistas e autoridades sul-mato-grossense. Não somente no conteúdo da letra, mas também em suas apresentações, o Grupo ACABA revela fortes vínculos com o *lugar* Pantanal. Como exemplo,

⁶ O "long-play" (LP) é uma gravação em vinil, reproduzida a 33 1/3 rotações por minuto (rpm) sobre um prato giratório, e mede 25 ou 30 cm de diâmetro. Devido à baixa velocidade e ao diâmetro maior do LP, os de 30 cm têm um tempo total de reprodução de aproximadamente 45 minutos. O LP é um formato analógico, com a música registrada em ranhuras em ambos os lados do disco. A ranhura se inicia na parte externa do disco e vai até o centro, em espiral, resultando em uma reprodução contínua assim que a agulha é posicionada no vinil. Devido à sua faixa contínua, o LP não oferece ao ouvinte a opção de pular músicas, a não ser reposicionando a agulha manualmente. (Disponível em: http://www.ehow.com.br/diferencas-entre-cd-lp-ep-sobre_6205/)

⁷ O assoreamento do Rio Taquari, um dos principais afluentes do Rio Paraguai, vem sendo considerado o maior desastre ambiental no Pantanal, tendo provocado a inundação permanentemente de grande área da sub-região do Paiaguás (nordeste de Corumbá).

pode-se citar o videoclipe desta canção disponível no canal YouTube⁸, em que os integrantes do grupo aparecem sobre a fina lâmina de água do rio Taquari que sofre acelerado processo de assoreamento. O Grupo, então, usa sua arte para denunciar as contradições do modo de produção que autoriza usos indevidos, prejudiciais aos ambientes naturais, voltados para o atendimento de uma agropecuária comercial, refletindo no assoreamento que desencadeou os “arrombados” que inviabilizam as tradicionais práticas socioeconômicas na região. Com as águas fora do leito original, os “canta-dores” parecem andar sobre o rio Taquari.

A terceira canção analisada intitula-se *As monções*, presente no álbum “Canta-dores do Pantanal, 30 anos de música, pesquisa e cultura”:

Em longas canoas/ De tronco inteiriço / Sem leme, sem mastro, sem quilha/ Em longas canoas/ De tronco inteiriço / Sem leme, sem mastro, sem quilha/ Lá iam as monções/ Sobre as terras encharcadas/ Junto ao fecho dos Morros/ Na geografia dos rios/ As bandeiras das águas/ Rumo as minas de Cuiabá/ Ao Encontro de Itaverá/ Nas terras dos Paiaguás/ Em longas Canoas / Lá iam as monções.../ Do Apa a Albuquerque/ Até o rio dos porrudos/ Ao Fulgídio Puerto de los Rejos.

As chamadas monções foram expedições fluviais que entre a segunda década do século XVIII e a metade do século XIX, mantiveram as comunicações entre a capitania de São Paulo e a capitania de Mato Grosso. No território que hoje constitui Mato Grosso do Sul, os rios foram importantes vias que favoreceram a entrada dos colonizadores ibéricos e “paulistas”, tendo sido considerados os “caminhos que andam”. As monções, portanto, em grande canoas, como se afirma nesta canção, adentravam ao Pantanal em direção às minas de ouro da região de Cuiabá. A canção descreve a geografia e a história da região na época da colonização.

A quarta canção analisada é intitulada “Fernando Vieira”, integrante do álbum *Última Cheia*, de 1984.

Em meados do século XX, o barco que fazia a ligação entre Porto Esperança e Cuiabá era o “Fernandes Vieira”⁹, popularmente conhecido como “Fernando Vieira”, antiga canhoneira da Guerra contra o Paraguai, adaptada para o transporte de passageiros.

⁸ Vídeo clipe oficial da canção “Pássaro Branco” (Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rJFqT5QTpe4>)

⁹ A estação de Porto Esperança, inaugurada em 1912, se manteve por 40 anos como o ponto final da linha-tronco da E. F. Noroeste do Brasil. Entre Carandazal e Porto Esperança (última estação da linha antes do Rio

Porto Esperança / Porto da Manga/ Piúva, Corumbá e Cuiabá / A prancha encosta no Barranco / É hora de partir cantando/ Sacos e malas/ Gente de muletas / Redes estendidas no porão/ Cheiro da comida/ Corre no andar de cima / Chegando gostoso / No olhar molhado da criança/ Avistando o dedo de São Gonçalo / Três dias antes de chegar/ Lá vai Fernando Vieira/ Subindo o Rio Paraguai/ Nesta rota de aventuras/ Eu, meu pai, minha mãe, meu irmão/ Via boiar melancias/ Canoas com rapaduras/ Na cheia de nosso chão. (Última cheia – LP, produção independente, 1985).

A letra da canção cita localizações importantes na rota que a embarcação fazia saindo de Porto Esperança até Cuiabá. Era uma viagem demorada para os padrões atuais, mas, de certa maneira, também não deixava de ser agradável, pois o roteiro seguia pela bela paisagem do Rio Paraguai. Em entrevista, Moacir Lacerda confessa se tratar de uma canção autobiográfica, que revela as experiências vividas por ele, seu irmão Chico Lacerda e seus pais, na aventura de percorrer os caminhos do Pantanal.

A canção revela, logo no início, o roteiro vivenciado por todos que seguiam de Porto Esperança para Corumbá ou Cuiabá. Sendo o fim da linha férrea em Porto Esperança, todos os passageiros (e cargas) se deslocavam do trem para a embarcação fluvial, e seguiam passando por Porto da Manga, Corumbá e Cuiabá, em longas horas. Moacir Lacerda expôs em entrevista que o trajeto realizado no barco Fernando Vieira até Corumbá podia chegar a 16 horas. Hoje o mesmo trajeto, realizado em rodovia asfaltada, dura aproximadamente 1 hora.

Moacir Lacerda também ressaltou detalhes imprescindíveis para a compreensão da realidade da época, como, por exemplo, o aroma que sentiam da comida servida no andar superior do Fernando Vieira, enquanto que eles e demais passageiros do andar inferior eram obrigados a se contentar com as “matulas”, alimentos trazidos de casa. Como visto, a canção tem o poder de transferir ao ouvinte as sensações daqueles que experienciaram a travessia pelo rio Paraguai, a bordo da “canhoneira” Fernando Vieira.

4. Considerações finais

Paraguai) o trem percorria 38 km e ali se tomava o vapor para navegar o rio Paraguai, acessando Corumbá e Cuiabá, sendo esta última mais longe, e até Corumbá percorria-se 78 km em 12 horas de barco. Em 1947, o barco que fazia a ligação com Corumbá era o Fernando Vieira, uma velha canhoneira usada na Guerra do Paraguai adaptada para transportar passageiros. (Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Porto_Esperan%C3%A7a)

Quando há a representação de elementos geográficos que reproduzem uma determinada perspectiva sobre o espaço, as músicas podem colaborar nas pesquisas da geografia, foi o que se buscou neste trabalho.

Ratificando o exposto pelo geógrafo Gomes (1996), o trabalho se voltou para o levantamento de elementos que tratam de valores, significações e respectivas associações, construídas pela população sul-mato-grossense, tendo como canal de expressão a produção musical do Grupo ACABA. Ou seja, na visão humanista, a arte se situa como elemento de mediação entre a vida e o universo das representações.

A partir das análises das canções selecionadas, discutiu-se como os artistas e compositores se apropriam de elementos espaciais, manifestam, representam e veiculam determinados sentidos de lugar e paisagem através das músicas.

Nas quatro canções do Grupo ACABA selecionadas para este trabalho, foi constatado como os compositores atribuíram significados aos espaços representados nas músicas e, a partir das relações simbólicas expressas nos conteúdos das canções, eles produzem os seus lugares e paisagens no Pantanal. Confirmando, assim, o exposto na perspectiva humanista, que considera o *lugar* como um centro de valor simbólico reconhecido por um indivíduo ou um grupo. Ou ainda, parodiando o poeta Manoel de Barros, confirmando que o nosso lugar, ou o nosso quintal, é sempre maior que o mundo.

5. Referências

BRUM, J. ; SILVA, A. O. *O Lugar da Música: A Música como potencialidade no ensino de conceitos geográficos*. In: Revista de Ensino de Geografia, v. 6, p. 61-73, 2015.

CARNEY, G. O. *Música e lugar*. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). Literatura, música e espaço. Rio de Janeiro: UERJ, 2007. p. 123-150

CORRÊA, R. L. *Geografia: Conceitos e Temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

DARDEL, E. *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

GOMES, P. C. da C. *Geografia e Modernidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

GUIZZO, José Octávio. A moderna música popular urbana de Mato Grosso do Sul. Campo Grande: UFMS, 2ª. Edição 2012.

HOLZER, W. *Mundo e lugar: ensaio de geografia fenomenológica*. In: MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (Org.). Qual o espaço do lugar? São Paulo: Perspectiva, 2012, p. 281-304.

KONG, L. *Música popular nas análises geográficas*. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). Cinema, música e espaço. Rio de Janeiro: UERJ, 2009. P. 129-175.

LE BOURLEGAT, C. A. *Mato Grosso do Sul: um território platino de convergências e diversidade*. In: SILVA, E. A.; ALMEIDA, R. A. (Org.). Território e Territorialidades em Mato Grosso do Sul. Londrina: UEL, 2012.

MOURA, L. D. M. de. *Geopoética na cena mangue: Uma Análise do Conceito de lugar nas letras da Banda Chico Science e Nação Zumbi*. Monografia de conclusão de curso. Geografia, UnB, Brasília 2014. Disponível em: http://bdm.unb.br/bitstream/10483/10252/1/2014_LucasDanielMedradodeMoura.pdf> Acesso em 28/05/2015.

MARANDOLA JR., E. *Humanismo e abordagem cultural em geografia*. Geografia, Rio Claro, v. 30, n 3. 393-419, set./dez. 2005.

RIBEIRO, M. A.; MORETTI, E.C. Pantanal/MS/Brasil: A construção de novas Geografias. In: XII Colóquio Internacional de Geocrítica, 2012, Bogotá. XII Colóquio Internacional de Geocrítica, 2012.

SILVA J. S. V. DA & ABDON M. DE M Delimitação do Pantanal brasileiro e suas sub-regiões. Pesq. Agropec. Bras., Brasília, v. 33, Número Especial, p. 1703 – 1711, out. 1998.

SANTOS, M. *Metamorfose do espaço habitado: fundamentos teórico e metodológico da geografia*. São Paulo: HUCITEC, 1988.

TUAN, Yi-Fu, *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 1983.

_____ *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*; (tradução de Livia de Oliveira). Londrina: Eduel, 2012.

VARGAS, I. A. Território, identidade, paisagem e governança no Pantanal Matogrossense: um caleidoscópio da sustentabilidade complexa. Tese (doutorado). UFPR. 2006. Disponível em: <http://www.acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/3799/ICL?sequence=1> Acesso em 29 de maio de 2017.

Link de acesso à discografia do Grupo ACABA:

Grupo Acaba - Cantadores do Pantanal (1979) Disponível
<<https://www.youtube.com/watch?v=B8o4-UMnwY8>> Acesso em: 25/08/2015

Grupo Acaba – Última cheia, (1984) Disponível
<<https://www.youtube.com/watch?v=vKY7WfMpPZc>> Acesso em: 25/08/2015

Vídeo clipe oficial da Canção “Pássaro Branco” Disponível
<<https://www.youtube.com/watch?v=rJFqT5QTpe4>> Acesso em: 10/09/2015

Grupo Acaba - Programa Som do Mato na Íntegra (julho de 1994) Disponível
<<https://www.youtube.com/watch?v=0JajATLqbRQ>> Acesso em: 12/09/2015